

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE ENFERMAGEM**

ANA CAROLINA BARBOSA AGUIAR TEOTONIO
ISABELLA DOS SANTOS LIMA
PROFESSORA: Dra. LOUISE PAIXÃO

A PATERNIDADE NO PUERPÉRIO

Rio de Janeiro

2021.2

A PATERNIDADE NO PUERPÉRIO

PATERNITY IN THE PUERPERARY

Nome (s) do (s) autor (es)

Graduanda em Enfermagem: Ana Carolina Barbosa Aguiar Teotonio do Centro Universitário São Jose.

Graduanda em Enfermagem: Isabella dos Santos Lima do Centro Universitário São José

Orientador

Prof. Dra. em Louise Paixão

RESUMO

Introdução: A participação e o apoio oferecido pelo pai do bebê, auxilia a mulher a suportar com maior facilidade as dores e ansiedade do trabalho de parto, trazendo vantagens. **Objetivo:** O presente trabalho teve como objetivo descrever a importância paterna no auxílio a mãe e ao bebê no período gravídico puerperal. **Método:** A pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica, de caráter descritivo, analítico buscando artigos publicados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), tendo como base de dados a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), publicados entre 2011 até 2021. Ao final, foram selecionados 5 artigos que compõem este estudo. **Resultados:** Para uma melhor compreensão das questões abordadas, estas foram separadas nos seguintes tópicos: cultura sobre a participação paterna, acolhimento do parceiro, paternidade ativa e cuidados com a mãe, assistência da equipe de enfermagem e licença paternidade. **Considerações Finais:** A presença da figura paterna é fator primordial no que diz respeito aos cuidados com o bebê, pois ele, o pai, exerce um papel de extrema importância voltado, especificamente, para o desenvolvimento da criança. Os homens se afastam das responsabilidades dos cuidados com os seus filhos, porque foram educados, tradicionalmente, a ter, como principal atribuição no contexto familiar, a sustentação financeira.

Palavras-chave: Paternidade, Período Pós-Parto, Pai.

ABSTRACT

Introduction: The participation and support offered by the baby's father helps the woman to more easily bear the pain and anxiety of labor, bringing benefits. **Objective:** This study aimed to describe the paternal importance in helping mothers and babies during pregnancy and childbirth. **Method:** The research was conducted through a bibliographic review, descriptive, analytical, seeking articles published in the Virtual Health Library (VHL), having as database the Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), published between 2011 and 2021. In the end, 5 articles that make up this study were selected. **Results:** For a better understanding of the issues addressed, they were separated into the following topics: culture on paternal participation, partner embracement, active paternity and care for the mother, assistance from the nursing team and paternity leave. **end Considerations:** The presence of the father figure is a key factor with regard to the care of the baby, as he, the father, plays an extremely important role aimed specifically at the child's development. Men distance themselves from the responsibilities of caring for their children, because they were traditionally brought up to have financial support as their main attribution in the family context.

Keywords: Paternity, Postpartum Period, Father.

INTRODUÇÃO:

O presente estudo tem por finalidade apresentar o papel da enfermagem no acolhimento ao pai no puerpério. A família, após o nascimento de uma criança, modifica – se e, às vezes, isso pode desencadear alguns conflitos, deixando o pai inseguro e com alguns questionamentos acerca dessa nova fase. Nos primeiros dias após o parto, a mulher e o recém-nascido precisam de atenção, com o desempenho de ações “Primeira semana de saúde integral” e consulta puerperal, esse período é até 42º dia pós-parto (MS,2006). A atenção primária à saúde (APS) vai acolher essa mulher, encontrando mudanças físicas e emocionais, acompanhando, observando, e quando necessário, a encaminha para outra unidade de serviço (NICE;2015), (CORREA et al.,2014). O pai é muito importante no acompanhamento puerperal, pois este o incentiva a participar do desenvolvimento da criança, auxílio a mulher e a fazê-lo participante em outros cuidados. (BUSTAMANTE;2005), (MALDONATO, DICKSTEIN, NAHOUM;200).

O século XXI é marcado por mudanças significativas na questão socioeconômico e a mulher tem, cada vez mais, ganhado espaço na iniciativa privada, por sua vez, cresce de importância a participação do homem em atividades domésticas e, neste caso,

cooperando nos cuidados com os filhos. Tratando-se da participação do pai no puerpério, geralmente, não há uma interação efetiva dentro da estrutura familiar e, neste período, predomina, basicamente, a relação mãe e filho com pouca ou nenhuma participação da figura paterna. Neste lapso de tempo, o papel da enfermagem é de extrema importância para, de fato, reintegrar a estrutura familiar, fazendo com que o pai desenvolva ações a fim de contribuir efetivamente, com os cuidados do bebê e despertar o sentimento de paternidade (MARCOLINO C, GALASTRO EP, 2001).

Diante do exposto, o ponto de partida deste trabalho foi um problema empírico. A falta de assistência do pai nos primeiros meses do bebê implica em uma sobrecarga, em todos os sentidos, na figura materna, expressa ausência de sentimento na relação pai-filho e, dessa forma, rompe laços estruturais familiares.

O Objetivo geral do estudo é apresentar ações assistenciais fornecidas, pela enfermagem com a finalidade de acolher o pai e norteá-lo para os cuidados com a mãe e o bebê no puerpério.

Enquanto os objetivos específicos são discutir a importância do pai nos cuidados com a mãe e o bebê no puerpério; identificar as principais ações do enfermeiro voltadas para esse pai; Discutir como é realizado o acolhimento paterno.

O estudo tem a finalidade de apresentar a importância do pai no puerpério, tanto nos cuidados com o bebê, como com a mãe, levando em consideração os benefícios dessa interação familiar no puerpério e desmistificando o paradigma que os pais não sabem ou não teriam como ajudar a mãe nos primeiros meses de vida da criança, trazendo em evidência a enfermagem como pre cursora do acolhimento a esse pai. O trabalho usa como justificativa, alguns artigos que confirmam essa importância do pai.

Mesmo sendo um processo que as pessoas já esperam passar na vida, temos poucos materiais que falam desse momento pai, mãe e bebê (MARTINS; ABREU; FIGUEIREDO, 2014)

A aproximação do pai com o bebê favorece e intensifica a relação, além de expressar segurança a mãe. E isso traz benefícios ao próprio pai, pois ele muda seu comportamento emocional e se apresenta mais disposto as tarefas domésticas e criação do seu bebê (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

O ponto de partida desse trabalho, foi um problema empírico. Onde questionou-se como é a participação paterna nos cuidados com a mãe e o bebê no puerpério e como é a atuação dos profissionais de saúde frente a essa questão.

Tendo como objetivo geral discutir as atribuições da equipe de saúde na assistência ao pai no puerpério e o objetivo específico identificar as principais ações dos profissionais de saúde na assistência ao pai no puerpério e discutir as ações do pai nos cuidados com a mãe e o bebê no puerpério.

O estudo tem a finalidade de apresentar a importância do pai no puerpério tanto nos cuidados com o bebê quanto com a mãe — levando-se em consideração os benefícios da interação familiar nessa fase e desmistificar o paradigma de que os pais não sabem ou não teriam como prestar ajuda nos primeiros meses de vida da criança — evidenciando, dessa forma, a equipe de saúde como instrumento do acolhimento à figura paterna.

Apesar de ser um processo comum na vida das pessoas, há poucos materiais que tratam sobre a importância da ligação parental com o bebê (MARTINS; ABREU; FIGUEIREDO, 2014).

A aproximação do pai com o(a) filho(a), nos primeiros dias de vida do bebê, favorece e intensifica a relação paterna, proporcionando a ele múltiplos benefícios no tocante ao comportamento emocional; maior disposição para realizar tarefas domésticas e nos cuidados atinentes à evolução da criança. (OLIVEIRA; BRITO, 2009).

Os profissionais de enfermagem executam a assistência em puericultura. Nessa subespecialidade da pediatria, são realizadas orientações aos pais sobre cuidados que irão estimular o desenvolvimento da criança em condições saudáveis (CARNEIRO et al., 2013). A enfermagem encontra alguns desafios no acolhimento paterno, pois os pais, de forma geral, demonstram dificuldades em dialogar sobre alguns assuntos que envolvem as suas fragilidades (RIBEIRO et al., 2015).

O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura do tipo analítica que é um tipo metodológico que fornece extrema abrangência do foco principal em comparação a outros tipos de métodos existentes. A finalidade precípua é apreciar resumos, extrair as principais ideias, mostrando a eficiência nos resultados demonstrados (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010).

O levantamento dos dados bibliográficos ocorreu no mês de novembro de 2021, na base de dados virtual Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com o uso dos seguintes descritores: Paternidade and Puerpério — Inicialmente, foram encontrados 131(cento e trinta e um) resultados relativos a critérios de inclusão; utilizados conteúdos disponíveis na íntegra; todavia, quando filtros específicos foram aplicados, essa quantidade foi reduzida a 64(sessenta e quatro).

A restrição ao idioma português também ocasionou restrições à pesquisa, reduzindo para 30(trinta) o número de resultados obtidos. Para o intervalo do ano de publicação, foram escolhidos os últimos 5(cinco) anos (2016 até 2021) e encontraram-se apenas 14(quatorze) resultados. Após uma avaliação dos estudos, listou-se somente 4(quatro) deles. Por este motivo, o intervalo do ano de publicação teve que ser estendido para os últimos 10 anos (2011 até 2021), contemplando, então, 22(vinte e dois) resultados.

Por meio de uma análise pormenorizada em pesquisas por títulos e resumos, identificou-se que alguns já se tratavam de revisões integrativas e, por conseguinte, não poderiam ser utilizados como parâmetros, logo foram excluídos. Descartou-se, ainda, aqueles que não atendiam aos objetivos propostos, restando apenas 6(seis) resultados. Dentre estes, foi observado que 1(um) deles, outrora, já havia sido utilizado. Por fim, restaram-se apenas 5(cinco) resultados

Em complementação e como forma de agregar informações valiosas à pesquisa, a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) foi utilizada, inicialmente, como uma fonte de busca por documentos do Ministério da Saúde, mas nenhuma informação relevante foi encontrada. Como solução alternativa, foi realizada uma pesquisa no Google e, destarte, encontrados dois documentos que atenderam às expectativas: O Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde e a Cartilha para pais: Como exercer uma paternidade ativa. Palavras-chave: Paternidade, Período Pós-Parto, Pai, Licença Paternidade, Cuidados de Enfermagem.

Após análise minuciosa de todos os estudos selecionados, gerou-se a tabela infracitada que demonstra alguns dados, divididos em: base de dados, título, periódico, ano, país/idioma.

Para uma melhor compreensão das questões abordadas, estas foram separadas nos seguintes tópicos: cultura sobre a participação paterna, acolhimento do parceiro, paternidade ativa e cuidados com a mãe, assistência da equipe de enfermagem e licença paternidade

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Há momentos, no puerpério, em que a mulher se encontra frágil e exposta. Este fato também pode acontecer com o recém-nascido e a mãe utiliza essa situação para se aproximar do bebê, criando um vínculo intensificado. Nessa etapa, a mãe precisa ser acompanhada, tal como o seu parceiro também precisa ser acolhido, pois pode existir um sentimento de exclusão ou participação vigorosa e mudanças no que diz respeito à relação sexual do casal — um dos motivos avaliados: a aparência física da mulher (BRASIL, 2006).

O homem, em tese, transforma-se em uma pessoa melhor no momento em que se torna pai. Nesse processo, ele passa por experiências que interferem social e psicologicamente na vida dele. Por não passar pelas mudanças fisiológicas que ocorrem na mulher grávida, o pai demora a se sentir envolvido com a paternidade e isso, de certa forma, gera dificuldades para enfrentar o período da gestação, parto e puerpério (RIBERO et al., 2015).

Com o passar dos anos, o conceito de pai tradicional vem sofrendo mudanças significativas, pois, assim como as mulheres estão colaborando cada vez mais no sustento da família, os homens estão mais participativos nos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. (OLIVEIRA, BRITO, 2009).

A presença do pai traz diversos benefícios. Pode-se citar como exemplos a melhoria na qualidade do trabalho de parto; desenvolvimento de uma melhor interação familiar; amamentação mais intensa do bebê e a alocação ao papel de pai (RIBEIRO et al., 2015).

A partir do final do século passado, no Brasil, mais precisamente durante a

Conferência do Cairo, em 1994, e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing, 1995, foi recomendada a inclusão dos homens no campo das investigações, intervenções e discussões na área relativa à saúde sexual e reprodutiva, até então voltadas quase exclusivamente para as mulheres (NASCIMENTO et al., 2019).

Ademais, a mãe assume toda a responsabilidade do cuidado, afastando a participação do pai e colocando-o no papel de provedor do sustento financeiro da família (MARTINS; ABREU; FIGEIREDO, 2014).

No período pré e pós-natal, por não ter direitos legais que o permitam ficar um tempo maior com a família, o pai não consegue acompanhar a gestante nas consultas, tampouco assistir o filho por um longo período. Essas ausências ocasionam falta de instruções que melhorariam o cuidado com a mulher e o bebê. Culturalmente, percebe-se que uma parcela significativa da população feminina foi educada por seus antepassados para serem donas do lar, tendo as próprias mães ou avós como referências, apesar desse cenário estar sendo reestruturado de forma gradativa e bastante expressiva. Em consequência, as mães ficam sobrecarregadas com os cuidados direcionados aos filhos e os pais irrealizados em suas atribuições paternas (RIBEIRO et al., 2015).

A busca incessante por ações voltadas para o sustento financeiro da família faz com que o homem não assuma, integralmente, as responsabilidades como pai. Essa situação gera insegurança em atividades aparentemente simples como, por exemplo, alguns cuidados domésticos e um simples banho no bebê. Ressalta-se a importância da assistência puerperal para a mãe, recém-nascido e ao pai, que resultará em um vínculo positivo o qual ajudará no bom desenvolvimento da criança (NASCIMENTO et al. 2019)

A paternidade não está mais associada diretamente ao progenitor, mas, também, àquele que se dirige aos cuidados paternos com o seu filho (JENERAL et al., 2015).

A paternidade é uma oportunidade de os homens vivenciarem experiências inovadoras, ampliando suas dimensões internas e renovando relações com a vida, sendo capazes de lidar com a rotina do filho, tanto quanto a mãe, bem como expressar sentimentos, estabelecendo um liame afetivo, descobrindo assim o prazer de compartilhar da intimidade dos seus filhos (CARNEIRO et al., 2013)

A frequência nas consultas de enfermagem, do pré-natal, é fundamental para que o pai se sinta seguro para avançar nas próximas etapas. Ele recebe orientações e é integrado ao processo, desvendando os seus talentos e aptidões. Assim, os paradigmas

em relação à paternidade são desmistificados e ele é encorajado a executar práticas com o seu filho, formando um laço entre a equipe de saúde, mulher e pai (RIBEIRO et al., 2015).

Os proventos do amparo ofertado pelo pai da criança à mulher durante o trabalho de parto são inestimáveis, destacando-se os principais: aumento dos partos vaginais/naturais, diminuição do pensamento negativo que muitas vezes se tem sobre o momento do nascimento, do tempo de trabalho de parto, do número de cesárias, do uso de instrumentos para o parto vaginal e do número de recém-nascidos com baixo índice de Apgar no 5º minuto de vida e auxiliando, assim, nos cuidados com a mulher e recém-nascido no período de pós-parto (PETITO et al., 2017).

Nas ações educativas, a equipe de saúde deve estar preparada para atender às gestantes e respectiva rede familiar; fortalecer os métodos de educação e promoção à saúde; deixar o homem se envolver, mostrando-lhe as suas atribuições durante todo o processo e estabelecer conversas sobre aspectos reprodutivos e sexuais. Para propiciar saúde, pode-se trazer discussões em grupos ou outras atividades, divididas entre adultos e adolescentes, buscando modelos que façam com que as dinâmicas não sejam maçantes (BRASIL, 2006).

É essencial que os pais permaneçam acompanhando o desenvolvimento do seu bebê e, para isso, faz-se necessária a presença deles na consulta de puericultura. Outrossim, avaliar o crescimento e aprender medidas que fortaleçam os cuidados diários e esclarecimento de dúvidas (CARNEIRO et al., 2013)

Os cuidados devem ser compartilhados entre os pais, ou seja, a mãe não deve ser a única responsável pelo cuidado da criança e o pai deverá participar desde o início da vida do seu filho, pois o lactente necessita tanto da mãe quanto do pai para um crescimento e um desenvolvimento saudáveis (CARNEIRO et al., 2013).

O casal sente dificuldades na divisão de suas tarefas após o nascimento do filho e isso pode resultar em um estresse entre os cônjuges que começam a modificar o comportamento entre si (MARTINS; ABREU; FIGEIREDO, 2014).

Os enfermeiros precisam ser capacitados para lidar com a paternidade, não só vendo o período gravídico-puerperal como um momento exclusivo da mãe com o bebê, e sim como um momento da família (RIBEIRO et al., 2015).

Estudo realizado com casais grávidos apontou a importância do enfermeiro na inserção do homem, desde a gestação, nas consultas e práticas educativas (RIBEIRO et al., 2015).

A puericultura é um conjunto de cuidados de enfermagem voltados para o bebê e que devem ser retratados aos pais. Neste processo, ações educativas são desenvolvidas e de grande valia para que o pai e a mãe tenham mais conhecimentos que agreguem valor à participação mais efetiva no cuidado de seu bebê (CARNEIRO et al. 2013).

Na atual realidade em que nos encontramos, surge a necessidade de atender e acolher não somente a mulher gestante, parturiente e/ou puérpera, mas também seu marido/companheiro, garantindo a ambos a oportunidade de compartilhar sentimentos, vivências e, acima de tudo, auxiliando-os na construção de suas identidades maternas e paternas. No entanto, aceitando o puerpério como um acontecimento que se desenvolve, muitas vezes, dentro de uma estrutura familiar, ou seja, compreendendo mãe, pai e filho como seres interativos, não observamos citações que contemplem a presença do pai nesse processo. Além disso, considerando que a assistência de enfermagem atende à família em todos os seus ciclos de vida criança, adolescente, adulto e idoso, ela precisa estar embasada em conhecimentos que promovam o bem-estar e a saúde de seus integrantes. Para isso, faz-se necessário conhecer aspectos imbricados dessa interação no pós-parto para só então oferecer solidamente e com segurança científica os cuidados de enfermagem. (OLIVEIRA et al. 2009).

DISCUSSÃO

Os estudos voltados para a temática do presente trabalho, conforme levantamentos de informações e análises realizadas, são escassos — porém aqueles que foram selecionados a partir dos métodos e critérios aplicados, apontaram para a cultura sobre a participação paterna como um importante pilar a que deve ser dada especial atenção e isso também trouxe à tona a percepção de que as mulheres estão ganhando espaços que antes não eram ocupados, sequer vistos por elas.

O acolhimento ao parceiro também foi destacado, em alguns estudos, como um aspecto extremamente relevante para que os homens fossem recebidos com afeto e conferindo-lhes espaço em todas as atividades relacionadas à reprodução materna.

A paternidade ativa e os cuidados com a mãe geram diversos benefícios que são compreendidos pela mãe e o bebê, trazendo um elo duradouro, uma melhor relação conjugal e o crescimento saudável da criança.

A assistência dos profissionais de saúde possui dificuldades no tocante às orientações e à falta de inclusão da figura paterna, entretanto, mostra-se essencial nesse processo quando verificada do ponto de vista funcional como orientadora e educadora, favorecendo toda a família.

A relevância da licença paternidade e seus benefícios também foi avaliada, porém, por não ser abrangente a toda população masculina — apenas àqueles que possuem esse direito trabalhista, não ganhou expressiva notoriedade.

7.1 Cultura sobre a participação paterna

Muito se diz sobre o termo binômio que compreende mãe e bebê, mas nos dias de hoje, já acontece a discussão do termo trinômio: mãe, pai e bebê (SANTOS, 2014).

O movimento das mulheres trouxe modificações para os dias atuais e isso as deixaram mais agregadas ao mercado de trabalho, fazendo com que o homem também fosse atingido por essa transformação, encaminhando-o para novas responsabilidades (VIEIRA et al., 2014). Com essas mudanças, mulheres que antes estavam ligadas apenas aos cuidados domésticos e com a criança, começaram a assumir novos papéis, sendo direcionadas ao sustento da família e, em contrapartida, fizeram com que o homem, antes provedor financeiro, assumisse as atividades domésticas, incluindo os cuidados voltados para os filhos, e isso, conseqüentemente, possibilitou uma melhor interação entre filho e pai, gerando uma relação mais afetuosa e estimulando o exercício da paternidade (SANTOS, 2014), (SILVA et al., 2016).

O homem vem procurando um redimensionamento de sua vida, em que o modelo desempenhado por uma geração em que o pai era alguém omissivo e distante afetivamente está sendo gradativamente substituído por um homem que busca iniciar no exercício do contato e da expressão de suas necessidades afetivas (RÊGO et al., 2016).

O contexto social atual mostra que o homem precisa se aproximar das tarefas relacionadas aos cuidados com a mãe e o bebê, fazendo-se presente e, assim, destacar

a necessidade de programação de novas medidas que insiram o pai como um novo atuante no processo de cuidador da família (STRAPASSON et al., 2017).

7.2 Acolhimento do parceiro

O homem vem ganhando protagonismo sobre as decisões no processo de escolhas reprodutivas. Contudo, as medidas de saúde, majoritariamente, ainda são desenvolvidas para as mulheres. Ressalta-se que a participação do homem, em todo o processo reprodutivo, é favorável a ele, criança e à mulher. O pai deve receber o acolhimento da unidade de saúde que necessita ser realizado de forma humanizada (BRASIL, 2018a).

O acolhimento ao pai tem por finalidade trazer a figura masculina não só para um contato mais próximo com a parceira durante a gestação, como também criar vínculos com os profissionais da saúde, gerando, dessa forma, uma troca entre ele e as pessoas que o assistem. Outrossim, dar-se-á a possibilidade de ingresso respeitoso a informações intrínsecas do homem no tocante à sexualidade, possíveis comportamentos de riscos, performance conjugal, divisão de papéis e tarefas. Por conseguinte, aumenta-se o elo com a parceira e promove-se a segurança nos cuidados com o filho (BRASIL, 2018a).

7.3 Paternidade ativa e cuidados com a mãe

O homem deve se sentir atuante em seu papel de pai, não apenas prestando auxílios à mulher, mas como uma pessoa que vai integrar de forma ativa aos cuidados com a criança e também, tão importante quanto, visto como apoiador à mãe (STRAPASSON et., 2017).

Os atos desenvolvidos durante a paternidade englobam tanto a assistência emocional quanto o cuidado físico com o filho. É importante ressaltar que a paternidade ativa direcionada à criança inicia-se no momento em que ela é planejada. As atividades propostas para que o pai a exerça, de fato, podem ser conferidas abaixo (BRASIL, 2018b):

Participar das consultas de planejamento reprodutivo. Apoiar a parceira durante a gestação, o parto e o pós-parto, estreitando o vínculo familiar. Realizar as consultas de pré-natal com sua parceira. Realizar os exames solicitados durante as consultas de pré-natal. Ser carinhoso e afetuoso com o(a) seu(sua) filho(a) e sua parceira. Compartilhar com a parceira as tarefas domésticas. Compartilhar com a parceira os cuidados com a criança como: dar banho, trocar fraldas e roupas, alimentar seu(sua) filho(a), colocar para dormir, entre outros. Acompanhar nos cuidados com a saúde, levando a criança para realizar consultas e para tomar vacinas. Acompanhar a criança na escola/creche e nos estudos de casa. Brincar e passear com a criança. Manter um clima de respeito com a parceira e a criança. Falar e ouvir os medos, as angústias que surgem durante a gravidez, conversar com a parceira e procurar um profissional de saúde para esclarecer suas dúvidas. Participar da realização das ecografias e tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento da criança. Incentivar a amamentação e compartilhar com a parceira esse momento. Fazer uma visita prévia na maternidade onde a criança nascerá (BRASIL, 2018b).

Diante do que foi exposto acima, percebe-se que a amamentação é instrumento de aproximação do pai com a mãe e o bebê, e há, por parte do homem, satisfação em ajudar a mulher a posicionar a criança para que seja amamentada. Dessa forma, a lactante consegue dividir as responsabilidades da criança e seus afazeres, tornando possível um aleitamento mais extenso (RÊGO et al., 2016).

A presença assídua do pai, além de trazer os benefícios relacionados à amamentação, fortalece o elo parental e influencia positivamente o crescimento infantil. A participação também deve ser ativa no que diz respeito a medidas de precaução com a saúde da mulher, priorizando atividades como a ingestão de alimentos saudáveis e cuidados para que ela não execute tarefas que exijam um elevado gasto de energia, auxiliando-a, também, em banhos e curativos. Porém, neste período, a companhia pode desencadear ações que excluam a participação masculina, gerando impasses e esquecimento da relação entre homem e mulher (SILVA et al., 2016).

Apesar dos cuidados com a criança ainda serem veiculados à imagem da mulher, o homem tem se mostrado mais carinhoso e prestativo com o filho, mesmo que por meio de simples ações, deixando-se envolver, naturalmente, com o exercício da paternidade (SANTOS, 2014).

7.4 Assistência dos profissionais de saúde

Os pais passam por um momento que apresentam instabilidades em seus sentimentos, geradas pela nova experiência e relacionadas ao cuidado ofertado ao bebê. Percebe-se ainda que o casal encontra tumulto e confusão no seu relacionamento, ainda não vivenciados (SILVA et al., 2016).

Os profissionais de saúde não apresentam tanta flexibilidade em deixar o pai participar das atividades no alojamento conjunto, mas é um auxílio determinante para que ele possa executar, de forma confiante, as atribuições direcionadas aos cuidados com a mãe e o bebê (STRAPASSON et al., 2017).

A deficiência ou até mesmo a ausência de informações e orientações por parte dos profissionais de saúde ao pai faz com que a mãe deixe de compartilhar os cuidados da criança com o seu parceiro devido ao medo que ela tem por achar que ele não possui competência ou falta de habilidade para executar tais tarefas. A confiança da mulher é fundamental para impulsionar as capacidades do homem, fazendo com que as inseguranças paternas sejam reduzidas (SILVA et al., 2016). À medida que a equipe de saúde e a mulher encorajam o pai, ele se sente capaz de ofertar o cuidado (RÊGO et al, 2016).

A equipe de saúde precisa acolher e fazer com que o parceiro da mulher sinta-se integrante e válido, e isso se dá por orientações voltadas para que ele participe de todo processo, não deixando-o retornar com dúvidas, explicando todos os processos, ressaltando a importância de todos, assim como os exames que serão solicitados, atualização da caderneta de vacina, seus direitos, incentivando-o às idas às consultas do pré-natal, juntamente à parceira e às atividades educativas (BRASIL, 2018a).

O acolhimento precisa ser gerado de forma contínua, aproximando os profissionais de saúde ao homem e deixando-o mais confortável para discutir sobre todas as situações que o circulam, gerando um vínculo de respeito e intimidade (BRASIL, 2018a).

Além disso, o (a) profissional deve mostrar ao futuro pai que ao participar do parto, ele pode ajudar a: Garantir um melhor atendimento para a sua parceira, reduzindo com isso a possibilidade de eventuais situações de violência obstétrica e/ou institucional; estimular o parto normal; diminuir a duração do trabalho de parto; diminuir o medo, a tensão e, conseqüentemente, aliviar a dor; aumentar a sensação de prazer e satisfação no parto; diminuir a ocorrência de depressão pós-parto; favorecer o aleitamento materno; fortalecer o vínculo entre

pai/parceiro, mãe e bebê. Esses benefícios são defendidos pela Organização Mundial da Saúde desde 1985 (BRASIL, 2018a).

7.5 Licença paternidade

A licença paternidade ainda é assunto que está sendo desbravado ao longo dos tempos. A Constituição Federal de 88 prevê, em um dos seus artigos, que o pai tem direito a 5 (cinco) dias em casa, isso se traduz em não ir trabalhar. Porém, em algumas cidades do Brasil, já é concedido aos servidores públicos, o direito de 10, 15 ou até mesmo 30 dias de licença. A lei 13.257/2016 que versa sobre políticas públicas para a primeira infância possui alguns artigos que reforçam a paternidade ativa e consciente, mostra vantagens, traz impactos em diversas particularidades como a proximidade entre pai e bebê, promovendo o desenvolvimento da criança, fortalecendo a igualdade dos gêneros e o incentivo à amamentação. Quanto mais pais participarem do processo gravídico-puerperal, mais a causa ficará em ascensão, trazendo visibilidade ao direito à licença paternidade (BRASIL, 2018a).

A criança necessita do pai e da mãe para um crescimento e desenvolvimento saudável – apesar de poucas pesquisas direcionadas ao assunto, todas relatam a importância do pai no puerpério. Como podemos ter a presença desse pai, quando não lhe é assegurado uma quantidade de dias que o faça executar ainda mais a paternidade? Ainda que, em 2016, tenham sido ampliados os direitos da licença, eles não se estendem a todos (BRASIL, 2018b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da figura paterna é fator primordial no que diz respeito aos cuidados com o bebê, pois ele, o pai, exerce um papel de extrema importância voltado, especificamente, para o desenvolvimento da criança. Os homens se afastam das responsabilidades dos cuidados com os seus filhos, porque foram educados, tradicionalmente, a ter, como principal atribuição no contexto familiar, a sustentação financeira.

Por este motivo, observou-se a necessidade de capacitação e educação continuada para os profissionais de saúde a fim de aperfeiçoar os trabalhos atinentes ao acolhimento à família, não sendo restrito apenas à mãe e ao bebê, mas também ao pai, promovendo ações educativas, de forma a alcançar as expectativas e fragilidades dele, deixando-o ciente de seu papel e direitos.

Enfim, notou-se que um dos principais motivos que promove o afastamento do homem no período gravídico-puerperal está relacionado ao quesito da sustentação financeira, incorporado, culturalmente, ao cotidiano da vida familiar. Diante de tudo que foi exposto, torna-se necessária a criação ou reformulação das legislações que tornem o assunto mais claro e acessível, corroborando, assim, para uma maior integração e ajuda mútua entre os pais, nesse período tão sensível, com o suporte eficaz dos profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

BARATIERI, T; NATAL, S. **Ações do programa de puerpério na atenção primária: uma revisão integrativa.** *Ciênc. Saúde coletiva*. 2019. Disponível em: < <https://scielosp.org/article/csc/2019.v24n11/4227-4238/> >. Acesso em: 08 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa.** 2018b. Disponível em: < https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pais_exercer_paternidade_ativa.pdf >. Acesso em: 25 nov. 2021

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia de pré-natal do parceiro para profissionais de saúde.** 2018a. Disponível em: < <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/agosto/22/PNP.pdf> >. Acesso em: 16 nov. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem.** 2008. Disponível em: < https://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_homem.pdf > Acesso em: 28 nov. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Pré-natal e puerpério atenção qualificada e humanizada**. 2006. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_pre_natal_puerperio_3ed.pdf>. Acesso em: 08 set. 2020.

CARNEIRO, L. M. R. et al. **Benefícios da presença paterna nos cuidados com o lactente**. Ver. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/10040/7826>>. Acesso em: 25 set. 2021.

GUTIERREZ, J. J. B. et al. **O papel dos pais no pós-parto: experiências com método pele a pele**. Acta paul. enferm., São Paulo. 25, n. 6, p. 914-920, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002012000600014&lng=en&nrm=iso>. acesso em: 18 set. 2020.

HENZ, G. S; MEDEIROS, C. R. G. **A inclusão paterna durante o pré-natal**. 2017. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1732/1/2016GabrielaSofiaHenz.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2021

JENERAL, R. B. R; BELLINI, L. A; DUARTE, C. R. **Vista do Aleitamento Materno: Uma reflexão sobre o papel do pai**. Ver. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/21445/pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MARTINS, C. A; ABREU, W. J. C. P; FIGUEIREDO, M. C. A. B. **Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído**. Rev. Enf. Ref., Coimbra, v. ser IV, n.2, p.121131, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087402832014000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 06 out. 2020.

NASCIMENTO, A. O. et al. **A importância do acompanhamento paterno no pós parto e o exercício da paternidade**. Rev Fund Care Online.2019.11(n. esp):475-480. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6395/pdf_1>. Acesso em: 08 set. 2020.

OLIVEIRA, E. M. F; BRITO, R. S. **Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 595-601, Sept 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452009000300020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2020.

PETITO, A. D. C. et al. A importância da participação do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica. 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/316254542_A_importancia_da_participacao_do_pai_no_ciclo_gravidico_puerperal_uma_revisao_bibliografica>. Acesso em: 25 nov. 2021.

RÊGO, R. M. V. et al. **Paternidade e amamentação: mediação da enfermeira**. In: Acta paul. enferm. 29(4): 374-380, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/lj/ape/a/XR8Kk9q6cyjBZsLm8XhMbMJ/?lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

RIBEIRO, J.P. et al. **Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem**. Revista espaço para a saúde, Londrina v. 16, n. 3, jul/set. 2015. Disponível em: <<http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosauade/article/view/398/386>>. Acesso em: 08 set. 2020.

SANTOS, C. V. M. **Um novo pai, novas funções? Considerações sobre a relação pai-bebê no período da dependência absoluta**. 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-02062014-160149/publico/santos_me.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SILVA, E. M. et al. **Participação do companheiro nos cuidados do binômio mãe e filho: percepção de puérperas**. In: Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online). 8(1): 3991-4003, jan.-mar. 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5015/pdf_1824>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SOUZA, M. T; SILVA, M. D; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 30 nov. 2021

STRAPASSON, M. R. et al. **Percepção do pai acerca da paternidade no alojamento conjunto**. In: Rev. enferm. UFSM. 7(1): 1-10, jan.-fev. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/22295/pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

VIEIRA, M. L. et al. **Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos**. In: Arq. bras. psicol. (Rio J. 2003). 66(2): 36-52, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000200004>. Acesso em: 16 nov. 2021.